

**UM PENTECOSTES TECNOLÓGICO?  
ACERCA DE UMA ESPIRITUALIDADE DIGITAL**

**A technological Pentecost? An article on digital spirituality**

*Daniel Mineiro \**

\* Doutor em Filosofia. Docente na Universidade Lusófona.

## 1. O Circuito: pressupostos de uma teoria da comunicação digital

Maurizio Ferraris falou de uma teoria pentecostal para se referir à sociedade industrial, mas a justa compreensão do seu diagnóstico implica ter em conta a formulação que fez nas páginas anteriores: “o absoluto (e a mobilização que produz) não vem do espírito, mas da técnica”<sup>1</sup>. Não é uma teoria pneumatológica que está em causa; a conversão impõe-se para que se pense a técnica de uma espiritualidade comunicante. A fabricação de um modelo certificante é o centro de uma teoria, que nada tem que ver com uma infusão de tipo evangélico na sociedade.

Pressupostos, tradução efetiva da premissa, concretização dos agentes participantes e relato de uma estrutura comunicacional são o andamento de uma narrativa essencialmente fabricadora da identidade. Não existem quaisquer vestígios de graça ou até de passividade de um sujeito para que se possa falar de uma teoria do espírito ou até pentecostal sem mais. A infusão é apenas e só o correlato, muito travestido, de uma técnica que responsabiliza de acordo com um militarismo que vive de um imperativo moral.

Com efeito, é preciso ver que a sociedade industrial foi terreno de laicização. Ao homem foi dado todo o poder, invertendo-se as grandes narrativas que empoderavam um Deus face ao seu fiel. Depois, impôs-se um modelo de comunicação para evitar as triangulações éticas e espirituais com Deus: instaurando um espaço mínimo de entendimento, mesmo que absolutamente protocolar, as comunicações entre os interlocutores eram possível. E com esta estrutura ficou definida uma base ontológica, que permitiu determinar o homem e um modelo elementar de entendimento.

---

<sup>1</sup> Maurizio Ferraris, *Mobilização total*, Lisboa, Ed. 70.2018, p.61.

Poder, capacidade comunicante e partilha passaram a estar em jogo em favor de uma união intersubjetiva; melhor, foram a estrutura ontológica de um terreno mais lato de mobilidade, e sem ela não se poderia fazer coisa alguma, mas como estas foram apenas as bases de uma mobilidade, foi preciso determinar o modo de acesso a uma película de comunicação

Retomando, auto-determinação, união dos sujeitos numa comunidade e diagnóstico de um horizonte de comunicação foram as bases de uma teoria técnica, que se espera espiritual. Não existe confiança alguma numa hermenêutica da técnica sem que se possa ver por que meio se tenta fabricar o meio de comunicação entre os sujeitos de uma comunidade digital.

Feito o aparato ontológico e epistemológico de uma teoria da técnica é preciso ver de que modo se efetiva a capacidade comunicante recorrendo ao aparato, na sua estrutura mais absoluta de acesso ao âmago da identidade<sup>2</sup>.

## 1. A ativação

O capítulo dedicado à chamada e ao email dá conta de um processo curioso:

“É a noite de sábado para domingo, aquela que é tradicionalmente consagrada ao descanso. Acordo. Procuro saber a hora e obviamente olho para o telemóvel, que me diz que são três da manhã. Mas ao mesmo tempo que vejo que chegou um email. Não resisto à curiosidade, ou melhor, à ansiedade (...) e já está: leio e respondo. Estou a trabalhar, ou talvez mais precisamente estou a seguir uma ordem, na noite de sábado para domingo, em toda a parte onde esteja”<sup>3</sup>.

Existe uma técnica que torna possível, de um ponto de vista da comunicação, a unidade entre as pessoas. Basta que um interlocutor envie para

---

<sup>2</sup> O autor nega a precedência de uma ontologia, mas de facto, não se compreenderia sem a afirmação de uma justificação deste tipo que exista uma submissão dos sujeitos a uma técnica que os une. Cf. *Ibidem*, p. 41. John Searle, *The construction of social Reality*, Nova Iorque, Free Press, 1995, p. 9.

<sup>3</sup> *Ibidem*, p.35.

outro uma determinada mensagem para que se torne presente e até tangível a unidade entre os diferentes sujeitos de uma comunidade digital.

A este processo, técnico, é atribuída uma função heurística: estabelecida a comunicação, de forma instantânea, os interlocutores ficam unidos e intimados a agir<sup>4</sup>. Não existia momento algum comunitário anterior, mas a partir do momento em que existe um método de unificação, é criada uma ponte entre as pessoas e surge um absoluto.

Aquém ou além da comunicação não existia laço algum, mas no exato momento que precede a estrutura ontológica, são sublinhadas as cooperações e pertenças humanas, instaurando-se um terreno espiritual que obriga a mobilizar. A este momento é chamado ativação da percepção ontológica do humano, e só depende do aparato. Nada tem que ver com o modelo; afinal estamos a falar da capacidade de tornar registável aquilo que é percecionado do ponto de vista epistemológico.

## **2. *Log in* e absoluto**

Capacidades de uma funcionalidade, é neste enquadramento que surge o conceito de absoluto justaposto ao de uma «entrada»; só o primeiro precisa de justificação, já que estamos a falar de um paradigma tecnológico de comunicação.

Absoluto, neste contexto de um domínio técnico, corresponde à tradução das capacidades de uma “arma digital”. No momento em que é postulada a unidade dos sujeitos e a capacidade de comunicação, fica determinada a necessidade de apontar uma técnica que seja capaz de fazer o trânsito entre duas pessoas. Ora, o resultado da determinação que esta técnica

---

<sup>4</sup> “Não se trata, creio, de uma interrogação psicológica e puramente individual, solucionável talvez com uma terapia ou com uma tomada de consciência. A tomada de consciência deve ocorrer, mas diz respeito à natureza do aparato”. p. 39.

impõe, é chamado absoluto. Não existe mais coisa alguma a dizer, do ponto de vista da relação ontológica e de responsabilidade, entre duas pessoas que estão unidas numa comunidade digital. É absolutamente uma determinada pessoa, liga a muitas outras, que é levada a agir, quando notificada, pela relação que mantém com as demais.

Insistindo na ideia, o *log-in*, a mensagem são enquanto técnicas de comunicação a forma mais acabada de determinar o que cada um de nós é do ponto de vista da comunicação; não enquanto falantes. Portanto, a tradução efetiva de uma técnica a este nível só pode ser o aparecer de um absoluto de determinação ontológico, que tem implicações como veremos mais adiante.<sup>5</sup>

### 3.1 O imperativo moral

A propósito das razões que nos levam a responder, quando recebemos uma mensagem, Maurizio Ferraris aponta três razões: psicológica, intencionalidade colectiva e resolução de conflitos<sup>6</sup>. Só responderíamos às mensagens porque pensamos ficar em falta perante uma obrigação. Porque de facto ficamos, diante de uma questão. Finalmente porque não poderíamos escapar a conflitos daí resultantes. Ora, esta é uma teorização fraca, tendo em conta todo o arsenal de conceitos que são desenvolvidos.

A teoria ontológica de base mostra que todos os sujeitos estão ligados entre si e que é possível uma comunicação. A técnica que torna possível esta relação é a tradução artificial de uma possibilidade ontológica e, finalmente o carácter absoluto da técnica é mostra do diagnóstico fiel que a metodologia dá da pessoa. Com efeito, o imperativo moral é outro. Trata-se de uma teoria da

---

<sup>5</sup> “A essência do telemóvel, de um computador conectado ou de um tablet não é, antes de mais (ou simplesmente), a comunicação, mas o registo. O registo, por sua vez, apresenta-se como uma responsabilização: exige uma resposta, e exige-a porque a pergunta está registada, escrita, fixada e adquire assim a perentoriedade de uma ordem”. p. 61.

<sup>6</sup> Ibidem, p.99.

relação, a maneira platónica: porque todos dependemos uns dos outros e só somos nesta relação, no momento em que somos notificados, temos o dever de responder para não deixar de ser o que somos. É este o imperativo. Urge em nós um dever de responder, mediante uma técnica, para não deixarmos de ser o que somos e cumprirmos a matricial responsabilidade<sup>7</sup>.

Por outras palavras, o imperativo moral é a tradução do ponto de vista judicativo daquilo que é real em termos de ligação e possível de um ponto de vista da técnica. Conseguindo nós, seres de relação, comunicar devemos comunicar para não deixarmos de ser o que somos.

### **3.2 A militarização da ação**

Desdobrar o imperativo moral em militarização da ação só tem um propósito: evidenciar o poder do registo de uma mensagem. Em termos de notícia, já tínhamos todos os dados para instaurar o terreno de uma espiritualidade; falo das bases do meio de efectivar e do resultado desta numa correspondência responsável. A nota é agora a de um estímulo.

Nem a percepção ontológica, nem o imperativo moral que vem de uma técnica comunicacional são possíveis sem uma notícia. Estaríamos sempre no terreno de uma possível informação acerca de nós mesmos, mas nunca diante de um verdadeiro imperativo. Portanto, é no momento que recebo uma mensagem que recorro à unidade e vejo, na capacidade de comunicar, que existe um imperativo moral que me obriga a responder<sup>8</sup>.

Chega a nota e de imediato aparecem os seguintes diagnósticos: pertença a um grupo, posso comunicar com todos os demais, porque sou membro e sou na medida em que comunico devo responder a quem me

---

<sup>7</sup> Michel Wieviorka, *L'imperatif numérique*, Paris, CNRS, Éditions, 2013.

<sup>8</sup> Cf. Gilbert Simondon, *Du monde d'existence des objets techniques*, Paris, Aubier, 2012.

contacta, sendo responsável por ele. O mesmo é dizer que se torna presente a rede de relações e de humanidade possível no espectro de uma mensagem que me contacto. Sempre com carácter absoluto.

### **3. Técnica e religião: acerca de uma teoria pentecostal da sociedade**

Os logros da técnica são muitos e fascinantes: veja-se o carácter absoluto e determinante da comunicação. Aqui assume o princípio de uma relação com as demais pessoas, que tem contornos religiosos: unidos e justificados no paradigma da comunicação. Tem mesmo algo de pentecostal, na medida em que permite a união e aconselha acerca da identidade quando confere uma auto-certificação a quem responde a uma mensagem<sup>9</sup>.

Toda a falta para com uma responsabilidade, que vem da notificação, é mais do que uma falha: verdadeiro pecado, diante de uma espiritual comunicação. É a descida da comunicação e da identidade de cada um de nós que é impedida. Continuando, a ligação que fica corrompida, então, a técnica tem contornos de re-ligação e de verdadeira espiritualidade.

Na exata medida em que a técnica de comunicar é mantida, na medida em que cada pessoa é responsabilizada pela resposta a uma interpelação, surge o reino de uma comunicação de espírito a espírito que atesta o que cada um dos interlocutores é ao outro: irmão da estrutura da dizibilidade<sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup> Ibidem, p. 36.

<sup>10</sup> Esta teoria apontada por Ferraris está nos antipodas daquilo que defendeu Byung-Chul Han no seu Desaparecimento dos rituais. Cf. Byung-Chul Han, *Do Desaparecimento dos Rituais*, Lisboa, Relógio d'Água, 2020.